

Título

MAYER, Rui Carlos. *Letras Canibais: um escrito de crítica ao humanismo em educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

Resenhado por: Franco DeCarlo [\(1\)](#)

Promover uma educação efetivamente revolucionária, nesse começo de século XXI, é uma tarefa difícil, quase *humanamente* impossível. Profícua, talvez, dada a importância que o sistema educacional tem para a socialização dos homens, para sua integração nas estruturas e mecanismos de funcionamento e reprodução da sociedade capitalista/'democrática'/consumista que queremos destruir.

É a que se propõem as Letras Canibais. É uma proposta filosófica que pretenda não seguir o fluxo discursivo/conceitual inercial de nossa cultura cansada tem de demarcar bem seu território e estabelecer duramente suas regras – e ainda forjar, a ferro e fogo, as ferramentas necessárias para tanto.

Trata-se, essa proposta, de uma crítica radical, rigorosa, violenta, 'destrutiva', ao que fragilmente sustenta e frouxamente fundamenta as práticas educacionais modernas em ensino e pesquisa: uma crítica ao humanismo em educação. Crítica filosófica atrevida, até, já que a "Filosofia Moderna (como, aliás, todos os principais discursos hegemônicos na atualidade) rejeitou *Deus* para amancebar-se com o *Homem* (pelo seu belo dote de *Progresso*): e pretende que essa nova relação renda as crias melhores e definitivas do conhecimento" (p.28).

Mas o próprio conceito de crítica está desgastado, por abuso: a tudo se chama de crítica, até mesmo a uma proposição pedagógica eclética/sincrética morna e cordial como a de Paulo Freire. Uma crítica forte precisa, pois, (re)criar um conceito forte de crítica, que a diferencie da crítica frágil e vulgar, retomando a potência destruidora/criadora de uma crítica como a nietzscheana. "A 'crítica freireana': uma 'crítica-crítica', acrítica, então, e niilista; a 'crítica nietzscheana'/'pós-moderna': uma 'crítica' vitalista, imoralista, concretizante" (p.34).

Esse conceito de Crítica seria, então, o de uma proposição discursiva que avaliasse o valor do sistema teórico seu objeto a partir de fora, vale dizer, que não se apoiasse nos escombros do sistema teórico que pretendesse destruir, reformulando-se como uma nova teoria de mesmo tipo. Que buscasse apoios externos ao pensar (nos impulsos vitais, por exemplo) e que, sem ocupar-se – talvez, de passagem – com a completude do sistema ou com seu potencial explicativo acerca do mundo, o recusasse em bloco, destruindo-o apenas para saqueá-lo.

Para fazer uma Crítica dessas ao humanismo em educação, há que se considerá-lo como um sintoma da cultura atual, e diagnosticar a doença dessa cultura. Confiando no diagnóstico de um Nietzsche médico, para a cultura de seu tempo – nem mesmo faz tanto tempo, já que o doente tem se mantido 'vivo' às custas de tantos aparelhos –, as Letras Canibais atualizam o quadro clínico da doença da civilização moderna, e até propõem um tratamento bem eficaz: a eutanásia.

Do diagnóstico nietzscheano, vale lembrar que foi “numa forma de decadente adaptação que o socratismo contribuiu para a ‘queda’ da *civilização grega*, numa subsistência subserviente” (p. 71) – e que o socratismo, mesmo já não mais tão festejado em já não mais tão importantes academias rococó, influenciou fortemente a cultura ocidental moderna, diretamente e através de suas crias, os pensamentos platônico e aristotélico, e de seus descendentes mais modernos, como o historicismo e o cientificismo.

Cabe aqui, pois, a pergunta: “Para além de tratar do mesmo, *nossa modernidade*, acerca do mesmo, essa *moderna racionalidade* não seria ainda, e já também, mais um dentre alguns sintomas recorrentes do cansaço da cultura, da doença da civilização?” (p. 75). Em outros termos, essa confiança presunçosa no conhecimento racional sobre como viver não seria um sintoma da falta de ânimo para criar e experimentar outros modos de vida?

E o que nos diz esse conhecimento racional sobre como viver? Que devemos ser bons *cidadãos*– respeitando as regras do *bom* convívio em sociedade, limitando-nos a obedecê-las, pois são o resultado esperado de séculos de *progresso*; podemos até ‘criticá-las’, desde que dentro dos limites estabelecidos para sua *evolução*. Deveríamos, pois, antes e acima de tudo ser *humanos*. Em política, a ‘democracia’ representativa; em economia, o capitalismo; em cultura, bem, a ‘cultura’ de consumo: todas formas definitivas do *Homem*. “O ‘conceito’ de *humanidade* mata: é a descrição prévia e racional de como se deve ser, e de como não se pode ou não se deveria ser” (p. 127).

Mas não seria, ainda com Nietzsche, a própria *Razão*, essa racionalidade total, um sintoma da decadência cultural dos povos? E a *Verdade*, essa obsessiva *vontade de verdade*, um sintoma do medo de enfrentar o risco do desconhecido? “Em nome da *Verdade*, a *Razão* submete a atividade dos homens ao conhecimento de uma ‘verdade’, que seria toda e única” (p. 135).

Podemos, já, aqui, fazer uma pergunta: e se considerássemos, *nietzscheaneamente*, a pedagogia como ‘ciências da educação’, como uma *pedagogia científica*, ela poderia, essa pedagogia, oferecer uma alternativa à racionalização humanista? Pois, atualmente, “a pedagogia só é útil ao *Homem*, à decadente, estertorante idéia moderna e burguesa de *humanidade*” (p. 141).

Uma pedagogia assim seria *revolucionária*. Enfrentamos, nesse ponto, um problema semelhante ao problema da crítica: o termo/noção de Revolução está desgastado, também por abuso, acadêmico e politiquês. Um conceito de Revolução, radical e agressivo – e adequado, pois, a um exercício de Crítica como definido bem acima, tem de se opor ao diálogo e à reforma, expressando-se como uma diferenciação e uma contrariedade. “Tratemos nós, (...), de arrancar o termo ‘revolução’ de diante de complexos de idéias metafísicas recalçadas, que se fixam na contemplação e na espera, para ressaltar e ressaltar uma noção vital e ativa – radical, antiintelectualista e violenta – de Revolução” (p. 151).

“Entendemos, aqui, a Revolução em termos culturais, relacionados diretamente com a política” (p. 152). Promover um violento salto das formas de vida social-intelectual, no caso, as do ensino/aprendizagem e estudo, na direção das negações/propostas dessa *Crítica teórica*, ainda que nos limites da vida cultural da sociedade moderna – mas até o arrebitamento –, isso já seria revolucionário.

Mas não correríamos o risco, com essa Revolução, de instituir novas determinações culturais do pensar? “Hesitar em nome de uma dúvida semi-*cartesiana*, com tímidas mas teimosas mostras de temor pelos resultados da ação, é exatamente essa a atitude que estamos a criticar e criticar” (p. 154). Afinal, que ação revolucionária seria essa, que nos levaria à estática? Seria, antes, uma proposição utópica, obscurantista, covarde, e contra-revolucionária: a afirmação de uma *utopia racional*.

“Ao intelectual revolucionário, principalmente ao *Professor* que descesse da cátedra e fosse ter com seus alunos, que se torna ‘Estudante’ de novo e em diante, a esses restaria-nos participar da formação de uma *vontade de potência* político-cultural que falasse aos homens, que falasse mal do *Homem*” (p. 162). Promovendo, então, algumas atitudes e procedimentos de liberação intelectual, munidos de uma Crítica como essa, e nos aventurando nos riscos do desconhecido realizável. Perguntando sobre os serviços que a educação pode nos prestar, e derrubando-a das alturas transcendentais.

“Soltar-nos e ajudar a liberar outros ‘intelectuais’ e ‘professores’, para que possamos, juntos e singularmente, melhor aprender a canibalizar os obesos, saturados discursos humanistas” (p. 168): é o mínimo que podemos esperar dessas Letras Canibais.

(1) Franco DeCarlo é Bacharel em Computação e Licenciado em Informática pela Universidade de Brasília, Tutor e Gestor Administrativo do Centro de Especialização em Ensino a Distância – Sistema Integrado da Administração Financeira do Governo Federal, e participa do Grupo de Estudos e Pesquisa em Formação de Professores “Filosofia: Por Quê?” – Fórum Centro-Oeste de Ensino de Filosofia.